



Palavras - chave:
Mineração; Identidades;
Itaiacoca

Resumo: Este projeto de pesquisa tem o objetivo de organizar um estudo para melhor compreensão sobre modos de viver e trabalhar experimentados pelos moradores e trabalhadores da mineração em Itaiacoca, Ponta Grossa – PR, durante o processo de industrialização, entre 1940 e 1970. Para tanto, parte da expectativa da implantação de um novo complexo mineroindustrial, cujo planejamento está sendo apresentado para a comunidade, com previsão de início de obras para o ano de 2020. As tensões observadas durante as audiências públicas demonstram as disputas sobre um antigo modo de viver. As experiências sociais de vida e trabalho na região, inclusive no tocante à mineração, e a implantação das indústrias de mineração ocorridas a partir de 1970, que incorporam novas práticas e identidades aos moradores e trabalhadores da mineração, e são o objeto de pesquisa, que intenciona aproximar-se das trajetórias de vida dos sujeitos para compreender as significações atribuídas às essas transformações.

PROJETO DE PESQUISA

MINERAÇÃO EM ITAIACOCA: IDENTIDADES CONSTRUÍDAS AO VIVER E TRABALHAR NOS PROCESSOS DE INDUSTRIALIZAÇÃO (1940 A 1970)

Lucimara Nabozny ¹

Rosângela Maria Silva Petuba ²

1. INTRODUÇÃO

A modernização do meio rural é um conceito conhecido por levar o progresso e desenvolvimento, através da implantação de tecnologias que permitam às atividades rurais se tornarem mais produtivas. Essa ideia de modernização não é nova aos nossos olhares, e tampouco exclusiva para o meio rural. No entanto suas nuances são ainda passíveis de muitos exames, pois as consequências da modernização econômica carregam consigo transformações que ultrapassam as fronteiras econômicas, impactando modos de vida, culturas e identidades que se transformam e resistem em meio a esse processo. É neste contexto que este projeto se propõe a investigar como trabalhadores da mineração em Itaiacoca percebem suas identidades durante as transformações nos processos de exploração de minérios na região.

O ponto de partida se deu na observação dos modos de vida e trabalho que compõem esse território chamado Itaiacoca, que é um distrito rural do município de Ponta Grossa, distante do centro urbano aproximadamente 40 KM. É uma região rica em minérios. Mas sobretudo é um local onde histórias de moradores e trabalhadores sofrem e causam impactos sociais e culturais em decorrência das transformações nos modelos econômicos e nos interesses nos minérios.

Pensando nessas mudanças, e compreendendo a história de vida das pessoas como necessariamente relacionada com o meio ambiente, um evento chama nossa atenção: o projeto de instalação de uma fábrica de cimento de grande porte, que se desenha na região, mais propriamente na localidade de Conceição, que se localiza entre o distrito de Itaiacoca, que pertence ao município de Ponta Grossa-PR, e também parte dessa localidade pertence ao município de Campo Largo- PR.

O olhar histórico para esse tema de pesquisa se seguiu observando o processo de instalação de um novo complexo mineroindustrial, no momento em que a comunidade é chamada para as audiências públicas de apresentação da proposta. Esta apresentação foi realizada para os interessados pela empresa que realizou o estudo de impacto ambiental (EIA), e relatório de impacto ambiental (RIMA) – resultado desse estudo. Esses instrumentos fazem parte da atual legislação, que exige, para a extração dos minérios, a consulta da população a respeito do empreendimento, através de audiência pública.

Assim, este estudo se volta para: um distrito rural com particularidades

¹ Licenciada em História e Mestranda em História pela Universidade Estadual de Ponta Grossa.

² Orientadora. Doutora em História pela UFSC. Professora Adjunta do Departamento de História da UEPG e do Programa de Pós-Graduação em História da UEPG.

culturais, estabelecido em local de riquezas mineiras, e consequentemente sujeitos com histórias de vida resultantes de suas experiências nesse contexto, em que se emaranham ruralidades, industrialização, modos de vida tradicionais e exploração de minérios. Somado a isso, o projeto de instalação de um novo complexo mineroindustrial, nos revela muitas tensões, ambiguidades, desejos, medos e diferentes compreensões entre os próprios moradores sobre esse novo projeto. Nos perguntamos então: como se constroem as identidades dos sujeitos, trabalhadores da mineração, ou moradores de local de mineração em Itaiacoca?

Para dar forma a este estudo, o diálogo teórico será relacionado à história social da cultura e a história ambiental, buscando a partir desta se compreender como uma condensação de conflitos expressados em uma audiência pública, podem nos remeter a trajetórias de vida, e revelar no tempo presente pensamentos e expressões de memórias e experiências, a partir das quais os sujeitos constroem suas expectativas. Afinal em que aspectos, para os moradores de Itaiacoca, a mineração trata-se de “Maldição ou dádiva?”. (ENRIQUEZ, 2008).

Para buscar aprofundamento em tais questões, este projeto não pretende apresentar resposta única, tendo em vista que estamos adentrando em uma teia de relações que envolvem sobretudo cultura, identidades, relações interpessoais e com o ambiente, interesses econômicos distintos, modos de vida e subjetividades. Essas relações não estão estáticas, o que pode nos levar a observar que um mesmo sujeito pode carregar consigo essa dúvida, sem poder resolvê-la em definitivo.

A EXPECTATIVA PELA IMPLANTAÇÃO DO COMPLEXO MINEROINDUSTRIAL

No final do ano de 2016 o Distrito de Itaiacoca aproximou-se um pouco mais em direção de um projeto que há tempos ronda o imaginário da população local: a chegada de um novo complexo mineroindustrial, de grandes proporções, que quando materializado certamente será base de muitas transformações. Tal projeto é conhecido pelos moradores locais como “a fábrica de cimento”, e move entre os mesmos sentimentos e expectativas diversas. De acordo com a legislação ambiental,

para a implantação de um novo empreendimento de mineração exige-se que a empresa concorrente à autorização possua uma portaria de lavra e que também providencie um Estudo de Impacto Ambiental (EIA) que gera um Relatório de Impacto ao Meio Ambiente (RIMA)³ que compreenda aspectos ambientais e sociais da região abrangida. Em Itaiacoca, a Mineração Delta PR, que pertence ao Grupo Brennand, possui portaria de lavra desde o ano de 1974. Podemos considerar, assim, que a expectativa dos moradores locais pela instalação deste complexo não se inicia com as atuais discussões do projeto, mas desde outros tempos já perpassam o imaginário constitutivo da identidade do morador local.

Ainda seguindo o estabelecido pela legislação ambiental, a empresa candidata necessita passar por um processo de apresentação dos resultados do EIA para os interessados no conteúdo dos estudos, que envolve de modo especial os moradores locais. A audiência pública de apresentação formal e de arguição sobre os resultados do EIA foi antecedida por reuniões comunitárias de apresentação do projeto para comunidades locais. Essas reuniões foram convocadas pela empresa concorrente, que na ocasião das reuniões teve a oportunidade de apresentar suas propostas, inclusive em relação ao que se pensa a respeito dos fatores desfavoráveis para a comunidade. Foram pelo menos três dessas reuniões em localidades de Itaiacoca, que receberam moradores locais, donos de chácaras, políticos e empresários. No entanto a maior parte do público era de moradores, alguns que trabalham na mineração e outros poucos que sobrevivem da agricultura.

Na reunião realizada na localidade de Roça Velha, no pavilhão da igreja, compareceram aproximadamente 50 pessoas. A comunidade que leva a fama de hospitaleira, organizou-se de modo a servir pastel e refrigerante para todos os participantes. Enquanto os representantes da empresa apresentavam sua proposta e o perfil da mesma, algumas mulheres da comunidade prepararam o lanche na cozinha. Nessa ocasião, que tive a oportunidade de participar já carregando comigo as perguntas motivadoras dessa pesquisa, pude observar homens e mulheres, muitos vestidos com seus chapéus e saias não condizentes com a moda da cidade, assentados em bancos de madeira, muito provavelmente construídos pelas suas próprias mãos, observando um grande telão que lhes dizia quanta modernização

3 http://www.iap.pr.gov.br/arquivos/File/2016_EIA_RIMA/RIMA_DELTAPR.pdf

aquela proposta poderá assegurar. para esta comunidade. Os olhos atentos de uns, a postura cansada de outros, me intrigavam ainda mais sobre a relação das vidas daquelas pessoas com um futuro que se apresenta a seus olhos em forma de propaganda.

O discurso que se manifestou nessa ocasião foi a da apresentação institucional do Grupo Brennand e suas experiências em Sete Lagoas-MG e Pitimbu – PB. Além da apresentação das experiências do grupo em outras regiões, os representantes também tiveram a oportunidade de falar sobre o projeto para implantação do complexo minerioindustrial Ponta Grossa e Campo Largo – PR. As explanações demonstravam todo fluxograma de extração mineral de cimento, que se inicia com a extração de uma espécie específica de calcário que foi encontrada abundantemente na região e já muito bem estudada para a finalidade a que se apresenta. Entre uma e outra explicação de como se dará o funcionamento desse empreendimento que será inserido na localidade de Conceição, que fica distante 47 km do centro de Ponta Grossa e 65 KM do centro de Campo Largo, surgiam nas entrelinhas a expressão de uma preocupação por parte da empresa de “não causar falsas expectativas”. – Não queremos levantar falsas expectativas – dizia o responsável pela apresentação - mas não temos como precisar o tempo para a implantação, porque depende da economia, a economia precisa melhorar.

Ainda nessa reunião foram levantadas pelos próprios representantes da empresa proponente, os possíveis problemas sociais referentes ao novo empreendimento. Entre tais problemas foram apontados a possibilidade de crescimento das taxas de violência, uso de drogas e prostituição. Ainda foram apontados a aumento do fluxo de tráfego nas rodovias, com intensificação de risco de acidentes para pessoas e também com animais silvestres. Cada uma das possibilidades, foram apresentadas seguidas de ações em parceria com os serviços públicos para minimizar as consequências para os moradores locais, como por exemplo: em caso de aumento de roubos às casas, a empresa se colocará junto com a comunidade para solicitar aos órgãos responsáveis a intensificação do policiamento na região.

Após o término das apresentações, a comunidade foi convidada a se manifestar, o que ocorreu de forma pouco expressiva. Os mesmos foram então informados sobre as audiências públicas dos dias 23 de novembro de 2016, na localidade de São Silvestre, Campo Largo e do dia 24 de novembro de 2016

na localidade de Cerrado Grande, Itaiacoca – Ponta Grossa. E assim encerrou-se a primeira parte dessa reunião, protagonizada por agentes externos à comunidade.

A segunda parte, essa de modo mais familiar à comunidade, recordava uma festa de igreja, com pastel, refrigerante, crianças brincando, famílias se reencontrando. Mas agora os assuntos presentes nas rodas de conversas incluíam calcário, emprego, desenvolvimento e indústria, entre outros assuntos antes talvez não tão debatidos. Se essa proposta seria boa ou ruim para a região e para os moradores, não parecia haver unanimidade e nem mesmo cada sujeito parecia conseguir definir uma só opinião. As identidades tornam-se plurais em cada sujeito. Como o que é apresentado por Stuart Hall (2006), as identidades no homem da pós-modernidade coexistem. Nessa discussão, as sociedades da modernidade são caracterizadas pelas diferenças: “(...) elas são atravessadas por diferentes divisões e antagonismos sociais que produzem uma variedade de diferentes ‘posições de sujeito’ – isto é, identidades – para os indivíduos”. (HALL,

2006, p 17). Ainda assim, uma articulação existe entre esses sujeitos, construída por suas experiências comuns, pelo processo histórico que trouxe cada uma daquelas pessoas para essa reunião.

A AUDIÊNCIA PÚBLICA

As diferentes vozes que compõe a análise de um projeto de interesse social para certo grupo, apresentam-se dissonantes, em busca de um consenso, nem sempre possível.

Sobre a implantação do complexo minerioindustrial, Ponta Grossa e Campo Largo receberam audiências públicas com o objetivo de informação e consulta da população a respeito do empreendimento. A primeira audiência ocorreu dia 23 de novembro de 2016, na localidade de São Silvestre, em Campo Largo e a segunda no dia 24 de novembro de 2016, na localidade de Cerrado Grande, em Ponta Grossa.

A segunda audiência, a qual tive a oportunidade de participar, ocorreu na quadra da Escola Municipal Professor Eloy Avrechak, na localidade de Cerrado Grande. Participaram deste momento aproximadamente 150 pessoas, das quais eram moradores da região, empresários, políticos, proprietários de chácaras, estudantes e desportistas que utilizam a região para suas atividades. A casa cheia surpreendeu

os organizadores. A descrição que segue tem por objetivo contextualizar a expressão de uma disputa em torno dos antigos modos de viver e trabalhar, que surgiu no decorrer de uma formalidade – a audiência, que apresenta aos olhos dos moradores da região e outros interessados, a possibilidade de uma considerável mudança no modo de viver local.

A audiência foi presidida por representante da IAPAR (Instituto Ambiental do Paraná), órgão licenciador do projeto “complexo minerointustrial”, que informou aos presentes que audiência pública é uma ferramenta de controle social, em consonância com a Constituição Federal de 1988, que fala sobre o direito ao meio ambiente saudável, e que para tanto o uso dos recursos naturais exige estudo ambiental. Explicou também as normas para a ocorrência da mesma. Toda a audiência foi filmada, e o roteiro de antemão apresentado, previa tempo máximo de três horas, sendo que em primeiro momento se daria a apresentação do empreendedor, após a apresentação do EIA, intervalo, e para finalizar a abertura para perguntas. Na mesa de autoridades, abrindo o evento, a fala do Secretário Municipal de Obras de Ponta Grossa, se coloca à disposição para auxiliar a execução do projeto, que ao seu ver significa “fortalecimento da economia e geração de emprego”. Assim iniciada a audiência, já se pode observar a construção de diferentes caminhos de entendimento sobre a região, e algumas disputas estabelecidas vão se expressando ao decorrer desta reunião de pessoas, formas de pensamentos e interesses distintos e em formação. Ao trabalho historiográfico que aqui se propõe, interessa compreender a expressão dessas construções das representações dos sujeitos que coexistem em um recorte temporal e espacial, como resultados das experiências sociais que compõe o pensamento desses sujeitos. Cada caminho de pensamentos é resultado das experiências e vivências dos sujeitos, que quando tomam uma postura, formam e transformam suas opiniões, pensam sua realidade. E somente podem pensa-la a partir de sua história social e pessoal, de sua experiência, pois os indivíduos não estão somente condicionados a uma realidade social, mas a constroem e suas histórias a partir do “fazer-se” em sua prática social (Thompson, 1987).

Por tudo isso é que neste projeto, utilizamos os registros da observação desta audiência pública, como ponto de partida para compreender algumas

das relações estabelecidas entre os sujeitos em suas ligações com Itaiacoca. Iniciada a audiência conforme programação, a primeira parte constituiu-se da apresentação do empreendedor, que mostrou suas experiências desde a década de 1970, em cerâmica, vidro, aço e cimento. Esse tempo também foi aproveitado pela empreendedora para dar exemplos de projetos sociais realizados nas unidades de Pitimbu- PA e Sete Lagoas- MG. Os projetos sociais foram apontados como meio para desenvolvimento da comunidade, pois “nós estamos crescendo e a comunidade tem que crescer junto”. São projetos vinculados aos temas culturais, esporte e meio ambiente.⁴

Após apresentação da empresa candidata, a audiência passou para sua segunda fase, que foi a apresentação do Estudo de Impacto Ambiental (EIA), que consistiu na metodologia da realização deste estudo, que gerou o Relatório de Impacto Ambiental, solicitado pelo órgão licenciador (IAPAR). O mesmo identifica que o calcário da região é adequado para a produção de cimento. Segundo este estudo, os dados cartográficos anteriores estavam defasados, e a empreendedora atualizou as imagens aéreas, e com isso estabeleceu as opções locais, escolhida uma entre dez alternativas.

O EIA apresentado nesta audiência, mostrou aos interessados presentes quais as preocupações ambientais e sociais foram contempladas na metodologia adotada pelo estudo, como por exemplo: meio físico, locais de captação de água, fauna, flora, estudo de tráfego e questões de arqueologia. Esta última porque foram encontrados quatro sítios arqueológicos e registros cerâmicos na região da área afetada. Estes sítios serão encaminhados para resgate e salvamento, com aprovação do IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional).

Se a apresentação do EIA, acima descrito configurou-se como a explicação do modelo metodológico do estudo, a próxima parte da audiência previa a apresentação dos resultados desse estudo. Neste momento, esperado pela maioria dos participantes, a projeção na grande tela instalada para o evento não foi suficientemente clara para apresentar os resultados do estudo. Em letras pequenas demais, uma tabela apresentada por outra pessoa, representante da empresa contratada pela empreendedora para a realização do estudo, não deu conta de satisfazer todos participantes a respeito do planejamento das

4 Sobre projetos sociais da empreendedora ver: <http://www.cimentonacional.com.br/responsabilidade/social/>

medidas para redução dos impactos ambientais e sociais.

Essa insatisfação se expressou nos questionamentos, sobre os quais comentarei adiante. Em dados, a área diretamente afetada será de 330 hectares de mineração e 78 hectares de fábrica e área indiretamente afetada de 778.359 hectares, e em resumo, as ações de redução dos impactos ambientais e sociais partiam basicamente da expectativa de acionar os já existentes serviços públicos.

Com o término dessa apresentação, os participantes foram convidados para um intervalo, lanche, e retomada das atividades para abrir-se espaço para eventuais questionamentos e considerações dos presentes, que então deveriam se inscrever durante este intervalo para o uso da palavra. Essa configuração formal da audiência parecia não deixar os participantes muito à vontade. Durante o intervalo pude observar movimentos e interações não tão próprios da comunidade, cujos assuntos saíam mais pausados, mais moderados entre as rodas de conversas. A oportunidade de trabalhar perto de casa, o crescimento e desenvolvimento possível conforme apresentado, e por outro lado uma mudança da forma de viver, de se organizar dos moradores. Contrapontos que não dividem apenas por grupos de opiniões, mas que cada sujeito podia carregar consigo. Ou na voz de um morador, falando ao seu vizinho: “Vai ser bom, mas vai acabar com nosso sossego”.

Ao final, foi a vez de se ouvir outras vozes. Após a abertura para os questionamentos, nova surpresa com o número de inscritos para o uso da palavra. Mais de vinte pessoas haviam solicitado a oportunidade de se expressar. E o que se seguiu foram recorrentes questionamentos e manifestações relacionados aos impactos ambientais e sociais, agora do ponto de vista dos moradores, dos chacareiros e dos desportistas que usam o Itaiacoca rural, não necessariamente mineiro. Como exemplo dos referidos questionamentos, seis pessoas que se manifestaram se demonstraram insatisfeitas com a explanação dos impactos do EIA. A apresentação ruim e a falta da disponibilização do RIMA no site do IAP, conforme o que havia sido combinado anteriormente em reunião de apresentação do projeto. “Quero que conste em ata – dizia um popular em uso da palavra – não fiquei satisfeito com a apresentação desse relatório. Além disso, o documento não estava no site do IAP. Procurei a semana inteira”.

Além desses questionamentos, também foram ouvidos outros relacionados ao reflorestamento de área desmatada, poluição sonora, salários e prazos para início das contratações, possíveis danos às residências, adequação das rodovias, impactos sobre segurança, saúde ambiental e impactos à saúde humana, quem são as autoridades que irão fiscalizar os impactos, qualidade da água e risco de erosão, deslocamento dos animais, e impactos sobre povos tradicionais, entre outras colocações.

Sobre essa última colocação, cabe atenção especial à uma mulher faxinalense que dizia: “Não somos vistos, não aparecemos nessas discussões. As pessoas não estão colocadas em discussão. Não interessa o vizinho ao lado. Estão entrando em nossa casa.”

Entre réplicas e tréplicas, o que se apresenta nessa discussão do tempo presente, é na realidade uma disputa em torno dos antigos modos de viver e trabalhar em Itaiacoca. A partir dessas pistas, este projeto intenciona aprofundar historicamente como se deram as construções das vozes que nessa audiência se expressam, e como cada uma delas constrói as identidades que convivem ao redor da mineração em Itaiacoca.

OUTROS MODELOS DE MINERAÇÃO EM ITAIACOCA

A história da mineração na região, assim como outras áreas ricas em minérios no Brasil passou por muitas transformações, seguindo de acordo com as variações econômicas e sociais do uso e valor dado aos produtos derivados dos minérios. Assim, nos atendo aos últimos sessenta anos, podemos nos referir a intensas transformações nas formas de exploração, venda, objetivos e meios de relação com o ambiente de extração. Dessa forma também muitas mudanças na relação do homem com o meio ambiente se estabeleceram. As principais transformações estruturais sofridas no distrito de Itaiacoca se relacionam com a industrialização da mineração. Segundo informações disponibilizadas por uma das principais mineradoras instaladas na região na atualidade, a Calponta⁵, as atividades de exploração das jazidas se iniciaram nos idos de 1970, quando o Eng. Civil Ernani Batista Rosas iniciou a exploração pioneira de jazidas calcárias em sua propriedade, a Fa-

5 <http://www.calponta.com.br/>

zenda Três Barras, situada no Distrito de Itaiacoca, em Ponta Grossa-PR.

O referido pioneirismo é relativo, pois trata de uma forma de uso que foi antecedido por modos tradicionais de trabalho, que ficaram por sua vez subjogadas a um novo paradigma de produção, que se tornou, por sua capacidade de ser contínua, uma amostra do desenvolvimento em pauta. Assim um antigo modelo de extrair minerais, passa a ser ressignificado por uma sociedade que prima pela industrialização. A antiga forma de extração, no entanto permanece nas memórias e presentes na formação identitária dos trabalhadores da mineração.

Para discutir esses aspectos da relação do homem e o seu ambiente de vida e trabalho, podemos pensar a partir do conceito de memória biocultural, que entre outras referências, está presente na obra *Memória biocultural – a importância ecológica das sabedorias tradicionais*, que discute sobre saberes relacionados à agricultura e as formas diferenciadas de convivência com o meio ambiente que fazem parte dos saberes tradicionais. (TOLEDO e BARRERA- BASSOLS, 2015). Outra importante referência para aprofundar a discussão deste tema, pautando na história ambiental, são os trabalhos de José Augusto de Pádua, que nos convida a refletir sobre a história ambiental, nos termos: “(...) Não existe história que não seja ambiental (...) existem historiografias que ignoram a dimensão ambiental, mas quando você estuda a vida de qualquer sociedade, num lugar, num momento, essa dimensão ambiental é constitutiva da história” (CARVALHO e PADUA, 2014, p 464). Tais referências consistem em compreender que história ambiental e do trabalho estão juntas, pois, o ambiente não é tema distante do homem e suas culturas e o trabalho do homem constrói e é construído pelo seu ambiente, e os usos sociais do mesmo. A partir disso, se faz pertinente o exame das antigas formas de exploração de minérios na região de Itaiacoca, em busca de outra categoria a ser explorada neste estudo, que é a identidade.

Anteriormente à chegada das indústrias mineiras na região, os moradores locais, que viviam e trabalhavam em propriedades familiares de agricultura, extraíam e processavam cal para venda para comerciantes que por ali passavam. Sobre a mineração em Itaiacoca, nos deparamos com técnicas antigas que extraíam quantidade pouco expressiva de minérios quando comparadas a épocas posteriores. Da mesma forma os objetivos da mineração para os proprietários das minas e dos processos de trabalho eram outros. Retirar apenas o possível para atender uma necessidade familiar, não uma acumulação.

Não podemos afirmar os motivos desta condição, pois o acesso aos métodos de extração mais eficientes talvez não estivesse ao alcance dos proprietários das minas calcárias das pequenas propriedades rurais. No entanto, a mineração parecia atender princípios da subsistência. Da mesma forma que a agricultura, a mineração realizada pelo morador local e sua família visava a retirada do necessário, que tinha outra dimensão. Tirar uma fornada de cal servia para casar a filha. Tirar uma fornada de cal no intervalo da lavoura, fazendo um dinheiro para comprar o que faltava em casa no comércio local. Emprestar o forno para o vizinho que estava passando por um aperto financeiro. Todos esses relatos mostram as diferenças de modos de extração e usos. Apesar do produto ser vendido como matéria prima para fábricas, podemos observar algumas particularidades na relação do homem com o meio ambiente que o serve, bem como as diferentes técnicas que antecederam chegada da indústria de mineração na região.

No período que antecedeu a instalação da indústria da mineração, os métodos da exploração do minério de cal eram rudimentares. Uma das principais diferenças desse processo em relação ao aqui chamado industrial diz respeito a todo ciclo realizado pelo próprio morador e proprietário da terra. As memórias dos sujeitos dessa pesquisa relatam com detalhes todo o processo de retirada, queima e venda da pedra cal. O processo da queima da pedra era um trabalho necessário para transformá-la em cal virgem, como era vendida para seus usos. Os conhecimentos empíricos e da tradição local revelam significados atribuídos a essa forma de trabalho e relação com a natureza. Sobre os processos de trabalho, contou Pedro sobre a detonação das rochas:

A munição que era feita, era feita aqui mesmo. Era enxofre, carvão, salitre, essa era a pólvora. Daí colocava estopim e ia socando lá de baixo fazia uma aboque de pedrinha miúda. Lá socando desde lá debaixo e colocava fogo, daí detonava. Às vezes tinha que detonar de novo, quando caía alguma pedra graúda. Daí era carregado com pedra feito crivo e pedra chata embaixo. Daí ia indo, indo até fechar, até ficar tipo uma casa, uma cunheira. Na frente fazia com outras pedras, rebocava de barro, era taipa que dizia. As pedras perto da boca era a soleira, uma pedra grande, mas essas não era pedra de cal, era pedra ferro, que tinha que ter. E quando partia uma tinha que achar outra. Daí ia carregando: as pedras graúdas pelo meio, as mais miúdas pras veradas senão derretia o paredão. Daí em cima ia amiudando, amiudando até abafar, pro fogo não sair de vez. Quando queimava bem era com quarenta e poucas horas, às vezes lá sessenta horas ou mais, dia e noite. Os homens ficavam com o olho vermelho de tanto queimar. Usava quarenta metros de le-

nha, lenha de dois metros, lenha cumprida. Se fosse jogar muita brasa embaixo daí afogava e não tinha entrada de ar por baixo pra ir queimando a lenha, tinha uma boca por cima e outra por baixo, que era o cinzeiro. Tinha que puxar com a enxada e ir tirando um pouco daquela brasa, senão afogava e não pegava fogo naquela lenha, não queimava direito. Tudo puxado com carroça. (NABOZNY, 2016)

A fonte acima mencionada foi produzida através de entrevista de História Oral. Essa metodologia de produção de fontes será utilizada para este estudo, como principal objetivo, compreender Itaiacoca partindo de aspectos relacionados ao trabalho e à terra.

A História Oral, então, será utilizada como ferramenta de investigação histórica, conforme SAMUEL (1990, p. 13), quando aponta esse documento de memória como: “(...) crucial para a compreensão do pano de fundo. Ela pode nos dar contextos novos que os documentos, por si mesmos, apesar de muito trabalhados, não fornecem.” Nesse, para a compreensão sobre o trabalho da mineração anterior à instalação das indústrias em Itaiacoca, e especialmente sobre as significações atribuídas pelos trabalhadores da mineração no decorrer das mudanças que vivenciaram a partir do início da industrialização da prática antes doméstica e familiar, essa ferramenta nos servirá para percebermos que além da história local, diversas relações homem/natureza/minérios se estabelecem no mesmo espaço.

Os sujeitos de pesquisa, serão pessoas que direta ou indiretamente tem sua história relacionada com Itaiacoca e seus minérios. A implicação de se viver em cima de riquezas minerais, as formas de organização da vida nessas comunidades, suas particularidades e suas relações com o mundo industrial da mineração instalada. Esses aspectos levam ao meu interesse historiográfico, pois a leitura de hipóteses que me surgem no momento da construção desse projeto, visualiza uma região onde essas convivências marcam a formação de uma identidade local a partir da construção das estruturas de sentimentos (WILLIAMS, 2011) dos sujeitos em relação à introdução de novas práticas de mineração. Para chegar até essas hipóteses, houve inicialmente investigação prévia das memórias dos antigos e atuais trabalhadores da mineração e de fornos de cal desativados, que representam um antigo modelo de trabalho.

As questões da urbanidade x ruralidade são passíveis de importantes debates historiográficos que podem ser explorados a partir desse estudo. Por

vezes há uma polarização no modo como pensamos o urbano e rural, desqualificando o rural como o lugar do “atraso”, enquanto o urbano representa o modelo de vida desejado de se atingir. No entanto, pela perspectiva histórica de leitura da realidade, podemos analisar os locais de socialização a partir da cultura. Essa por sua vez, analisada a partir de Willians (2011), é um conjunto de significados e valores de determinada sociedade, que não são apenas reproduzidos, mas produzem significados e valores. Sendo assim, o “tempo passante” implica dizer que uma cultura pode ser predominantemente rural, mas que, no entanto, o urbano perpassa sua forma de organização. As diferentes racionalidades e a relação com o tempo e o meio podem ser percebidas nas diferenças dos modos de vida das comunidades rurais e urbanas. Itaiacoca é uma região que privilegia tais observações, pois apesar de próximo dos centros urbanos, apresenta resquícios de uma “(...) lógica específica, que confere aos moradores um modo particular de pensar a sua existência e construir as suas representações sobre o mundo que o cerca e sobre as dificuldades encontradas em seu contexto” (Lavoratti 2002 p.91). Nosso olhar histórico para a questão da formação identitária dos trabalhadores da mineração pré-industrial em Itaiacoca volta-se para os significados atribuídos por esse trabalhador/morador para o ambiente que o cerca e as relações estabelecidas.

A CHEGADA DO FORNO GRANDE

A indústria extrativa, surge e sofre alterações conforme o desenvolvimento e valorização de determinados produtos e seus usos. Durante o tempo que antecedeu a instalação das indústrias mineiras em Itaiacoca, a mineração foi uma atividade de familiar, braçal e pouco representativa. Com a chegada de outras formas de exploração, identifica-se transformações nos modos de trabalho, e do lugar do trabalhador no interior dessa sociedade. Esses métodos de exploração vieram ao encontro a uma tendência global de desenvolvimento econômico, geração de emprego e aceleração da produção. Sobre essas relações nos conta Vitório:

Quando começou a aparecer esses fornos contínuos, esses aí já decaiu. Porque o forno contínuo, que nem do Ernani Rosa quando começou daí já venceu tudo a freguesia... O forno contínuo ele é posto a pedra direto lá, não para, e ele dá descarga a cada oito horas dá uma descarga de

duas toneladas por si: quando a pedra se queimou ela se desmancha e fica as que não estão queimadas. E eles vendiam! Porque já era uma firma. Pra eles era mais fácil. Quantidade maior. Não era que nem nós que era pouquinho ali (risos) já tinham mais comércio (...). Trabalhei com isso por seis ou sete anos. Antes disso só lavoura e depois voltei pra lavoura. Quando não deu, tive que continuar... Não teve jeito, porque daí os menores já não conseguem produzir o que um forno grande produz, daí tem que parar. (...) Hoje cal só tem a Calponta. Só eles que mexem agora. Hoje se não for tipo a Calponta não tem jeito. Tem que abrir uma firma. E daí tem o gasto e o consumo... Naqueles tempos não era que nem agora, quem tinha ali a pedra fazia o que queria e não tinha problema. Agora que o minério ficou assim. (TOCZEK, 2016)

Essa fala nos revela um refletir o processo de industrialização, que o leva a pensar a perda de uma autonomia em relação ao domínio do processo da mineração. Quando se refere ao fato de que em outros tempos o proprietário da lavra poderia explorá-la de sua forma, e que em tempos atuais depende de processos burocráticos e liberações específicas, podemos nos respaldar nas informações de Nunes (2006, p. 99) quando trata do direito de exploração mineral:

A Constituição de 1967 eliminou a preferência do proprietário do solo na exploração, isto é, na obtenção da concessão. Entretanto, ficou assegurada ao proprietário a participação nos resultados da lavra, salvo naquelas em que se constitui monopólio da União, cabendo, neste caso, ao proprietário apenas indenização (art. 161).

Sobre o assunto, Pedro falou:

Os fornos contínuos foram feito depois. Primeiro eram os forno pequeno. Dos contínuo, nós conhecia aqui era dos Meneses, Durval Meneses, na entrada dos Santos ali. O contínuo é fogo direto e ele próprio dá a descarga... é outro sistema. Desse tempo em diante já não era carroça. Mas lá do Meneses bardiavam de carroça e de lá longe. E de lá vinha num vagonete, num trilho e lá basculhavam pra ir carregando. Daí umas duas pessoas puxavam de carrinho e levavam por esse trilho. Desse tempo era forte, os Meneses tinham uns 150 funcionários. Porque cortado lenha a machado. Não existia nem moto serra, e puxado com carroça e depois eles tinham uns caminhãozinho pra puxar. Quem tinha funcionário era só os Meneses. Ele era forte porque ele aproveitava e fazia lavoura grande e criava gado também. O terreno dele era 400 alqueires. (...) Alguns tinham bloco de nota e tudo. Nos não tinha. Por isso nós paramos mais cedo. Precisava de bloco de nota pra transporte. Mas o preço do cal era o mesmo pra forno grande ou pequeno. (NABOZNY, 2016)

E ainda a chegada do forno grande na memória

de Eliceu:

(...) Mas nesse tempo já era firma, quando já era o Durval Meneses. Nós vendemos muita lenha pra eles. Sobreviveu uma pequena porcentagem. [Dos pequenos mineradores] Uns quarenta anos atrás ainda alguém queimou alguma pedra. O Pedrão queimou. Uns 45 anos atrás o Pedrão tava queimando ainda. Mas era uma pequena porcentagem porque daí já entrou os fornos contínuos, forno grande, que daí já empregava. Meio tipo escravo, mas empregavam, uma das firmas. Outros não, outros eram muito honestos, mas tinha uma firma que era trabalho meio escravo... Não vou mencionar o nome né? (risos). Ali era trabalho meio escravo. Serviço pesado e ganhando muito pouco. Depois outros já pagavam certinho. (GLINSKI, 2016)

Surgem assim elementos de transição no processo de trabalho em uso na região. Os ritmos de trabalho deixam de ter sua característica usual, ao lidar com as técnicas tradicionais e destinos conhecidos, para tratarem de oferta de mão-de-obra.

Os sujeitos narram como entenderam esta transição entre processos anteriores e industriais. Na sequência dessa primeira mudança apontada, os fornos contínuos dão lugar a um outro tipo de mineração, que afastou ainda mais o morador local da atividade:

E hoje as fábricas são poucas, só tem aqui em Itaiacoca a Calponta mesmo. E cal os pequenos todos pararam, porque hoje não é viável. Porque ninguém mais quer o cal bruto, querem cal ensacadinho. Cal hidratado e antes chamavam cal virgem, que eram as pedras. Saíam uns quebradinhos, mas mais era pedra, e por isso era carregado em cesto de taquara. Nossa, tinha um monte de gente trabalhando, fazendo cestos! Só fabricando cesto de empreita. Eles reuniam uma turma, vinha do Biscoia, das Campinas, toda parte, eles traziam de carreta umas taquaras, onde tá a sede agora da Águia, ali das Três Barras. Daí eles se reuniam ali tudo fazer cesto de empreita, já pros fornos contínuos. Os outros geralmente eram os próprios donos que faziam. Forno pequeno eram os colonos que faziam, daí não empregava ninguém, serviço próprio. Os que trabalhavam na mina eram mensalistas, ganhavam por mês. Ele dava serviço, claro que era um ganho pequeno, mas dava serviço pra muita gente. Eu mesmo quanta lenha vendi pra essas firmas. (GLINSKI, 2016)

Segundo Krawulski, (1998, p. 12), o homem passou a ser visto como um componente de uma força de trabalho e se viu transformado de indivíduo em trabalhador. Essa mudança de relação implicava diretamente na relação identitária dos moradores

locais, pois como já visto, e de acordo com Pollak, esta se dá pela imagem que o indivíduo adquire a ele próprio e apresenta aos outros. A chegada do forno grande por certo representa mudanças na vida local. Um novo modo de trabalho, uma nova destinação ao produto mineral se apresenta aos olhos dos moradores. O forno grande representa um rompimento com uma técnica antiga de trabalho na mineração. Depois desses fornos, para a época avançados em tecnologia, muito mais se modernizou na prática da mineração. E essa então passa a produzir novas representações e receber novas significações para os moradores da região e especialmente para os trabalhadores da mineração. Compreender como esses sentidos se formam e são formados, e como os mesmos contribuem para as identidades dos sujeitos desse trabalho, apresenta-se como motor desse projeto de pesquisa.

IDENTIDADE MINEIRA: CONSTRUIDA E NATURALIZADA

Grande parte dos trabalhadores das indústrias mineiras tem origem de família rural de maneira que a atividade agrícola e o modo de viver rural sobrevive paralelamente à mineração. As trajetórias dessas pessoas transitam entre o urbano e rural. Então como pensar em identidade mineira em Itaiacoca? Esta questão se torna possível de aprofundamento, se ao invés de identidade, pensarmos em identidades, de maneira a compreender, conforme HALL 2006, que os sujeitos da pós-modernidade não podem ser encaixados em uma identidade fixa, mas que suas identidades convivem, interagem, se transformam seguindo a dinâmica de um mundo complexo e em movimento.

As identidades não são naturais e inerentes aos seres humanos, mas sim construídas em suas relações sociais, e podem sofrer influências de disputas sociais. Ao olhar para a questão da formação de uma identidade mineira em Itaiacoca, vemos pequenas propriedades rurais, movidas por um sistema de subsistência familiar, que incorporam a queima de cal como mais uma das atividades da propriedade, e que após um elemento externo ser fixado em sua localidade, (a indústria) vê o início de um novo modelo de trabalho que irá transformar também sua forma de viver. Assim, esses sujeitos, ao passarem a conviver com essa nova ordem local, incorporam novos saberes e práticas, novas relações de trabalho e sociabilidades, para atender as transformações.

Trabalhar na mineração e trabalhar na mineradora são experimentações distintas dentro de um mesmo local de pertencimento social do trabalhador. Ou na voz de José Divar:

A minha família trabalhava na lavoura. Era eu o meu irmão o Luis que trabalhava na mineração. O resto era tudo na lavoura. Eu trabalhei na lavoura. Até o tempo de eu ir pro quartel eu trabalhei na lavoura. Dai fui pro quartel, saí do quartel e vim trabalhar na Costalco. Dali pra cá foi só mineração. A mineração é melhor! A roça é muito sofrido (risos). Mineração é muito mais fácil o sistema de trabalhar. Que nem eu, no começo comecei trabalhar de servente mais depois eu já peguei máquina e caminhão. É serviço bem leviano. Mas bastante ficou de servente. Quem passou pra máquina foram só uns três. No mais tudo ficou de servente. O servente é um ajudante geral, ele faz a limpeza no material, ele trabalha com a parte manual, só enxidão pra limpar o material. Os encarregado que veem, conforme o jeito da pessoa que verem se aquele dá pra ser operador de máquina, se leva jeito pra aquilo. Daí é treinado. No caso era eu que treinava os operador. A gente trabalha aí uns três meses mais ou menos junto com a pessoa pra ver como é que ele é, daí passava pro engenheiro: - ó tal pessoa dá, ou não dá. Mas graças a Deus todos eles que eu treinei aprovaram. (MOREIRA, 2017)

Apesar de a relação dos Itaiacocanos com a cidade, até das décadas de 1960 e 1970 ser considerada esporádica, as mudanças que se esboçavam na realidade maior não pode deixar de apresentar suas influências também na história local. A partir das primeiras décadas do século XX a cidade de Ponta Grossa recebeu várias indústrias, e deu-se um processo de urbanização, na busca do progresso e modernização. Itaiacoca, que se localiza em cima de grande riqueza mineral, passa a ser vista como potencial local de recursos para atender a tendência desenvolvimentista. O Jornal Última Hora, de 1962, anunciou o novo olhar dado ao distrito, em relação a seus minerais, da seguinte maneira:

Talco do Distrito de Itaiacoca Considerado o Melhor da América – Embora pouco conhecida, localizam-se no Paraná as mais acreditadas minas de talco do País, apenas superadas em qualidade pelas minas da Índia, pertencente a Haymann Corporation “MK”. As

minas brasileiras estão no distrito de Itaiacoca, a 29 quilômetros de Ponta Grossa, quase na divisa de Castro. Exploram-nas a Sociedade Paranaense de Mineração, empresa constituída por capitais nacionais e que exporta quase a totalidade de sua produção para a Argentina e outros países da América. As principais jazidas são as de São José, São Benedito, Santo Antonio e São Pedro, que produzem cerca de 1.500 toneladas mensais. Estimativa oficial diz que essa mina comportam insignificante parcela da matéria-prima da região, sendo lícito afirmar que a capacidade do solo de Itaiacoca é inesgotável. Pesquisas recentemente feitas dão conta de que, além do talco, a região é rica em caulim, quartzo, calcita, mica, amianto, feldspato, óxido de ferro e magnetita (este último em menor quantidade) [...] Ainda no ano passado a produção de Itaiacoca representava um terço da produção brasileira. No atual exercício, no entanto, sua produção será igual à do País. (JORNAL ULTIMA HORA, 1962).

A partir de então, a instalação das indústrias, a construção das vilas operárias da Mina São José, Klabin, Costalco, Santos e Rosas, e a vinda de pessoas de fora para compor o quadro de trabalhadores dessas mineradoras, certamente foram eventos que contribuíram para a incorporação de novos elementos na cultura local, e construção de novas identidades relacionadas a esse espaço de viver e trabalhar.

Juntamente com as fontes orais e notícias de jornais que poderão nos orientar quanto à construção de identidades a partir da história local, outro questionamento parece pertinente de investigação histórica: o nome do lugar. Para Itaiacoca, segundo o professor Reinaldo Emanuel Hansen, citado por WALDEMAN, 2014, a palavra correta seria TAIACOCA, do tupi-guarani caingangue: TAYÁ: taioba + KOG: roça, plantação. Ou seja, roça de taioba. Taioba é um vegetal comum na região. Mas então a inserção da letra “i” ao nome do local, poderia ter relação com o processo de aprimoramento da mineração, sendo que “Ita” significa “pedra”, e nomes de locais também ricos em minérios levam Ita como prefixo, como por exemplo Itapeva e Itararé.

A esse questionamento cabe apenas o lugar de hipótese, ainda não fundamentada, mas que pode, de antemão, abrir uma nova reflexão que caminha para a desnaturalização da identidade mineira de Itaiacoca. No final da década de 1980 e início de 1990, a equipe pedagógica da Escola Municipal Maria Eulina Santos Scheena, que fica localizada no bairro de Biscoia – Itaiacoca, durante o diagnóstico da comunidade, teve a seguinte percepção: os alunos sabiam falar sobre agricultura, mas não sabiam falar sobre mineração. O que soou estranho nessa observação,

é quase todas as famílias tinham sua fonte de renda na mineração. Intrigados com isso, iniciaram um projeto de aproximação dos alunos com a realidade local, promovendo visitas em mineradoras e recebendo trabalhadores da mineração para falar sobre seus conhecimentos adquiridos no trabalho. Nesta época a camiseta de uniforme da escola passou a conter um mapa de Itaiacoca e acima deste um enxadão, símbolo de mineração. A ex-diretora da escola em questão, a Senhora Maria Teresa Santos, disponibilizou fotografias e relatórios do seu acervo sobre este projeto, além do relato acima mencionado, que servirão como fontes para contribuir para novas compreensões a respeito das identidades mineiras nessa região.

OBJETIVOS:

- Levantar modos antigos e atuais de exploração de minérios e os significados da natureza do trabalho do minerador.
- Compreender as transformações nas identidades dos moradores e trabalhadores da mineração em Itaiacoca, decorridas das transformações dos objetivos e formas de exploração dos minérios locais.
- Compreender modos de viver e trabalhar experimentados pelos moradores e trabalhadores da mineração em Itaiacoca, Ponta Grossa – PR, durante o processo de industrialização fortalecido a partir de 1970.
- Estudar os reflexos das disputas dos antigos modos de viver expressos em virtude da expectativa da implantação de um novo complexo mineroindustrial na região.

FONTES:

DUCAN, G. et al. **Mineração no Brasil: História e seus grandes vultos**. Augusto Antunes, o homem que realizava. Rio de Janeiro: Leo Christiano Editorial, 2006.

José Eliceu Glinski

GLINSKI, José Eliceu. Entrevista concedida a Lucimara Nabozny para o projeto **“Modos de trabalhar na mineração pré-industrial em Itaiacoca 1940 – 1970.”** do curso de especialização História, Arte e Cultura UEPG. Itaiacoca/Ponta Grossa, 10/04/2016, formato MP3, 62 minutos.

Jose Divar Moreira

MOREIRA, José Divar. Entrevista concedida a Lucimara Nabozny para o projeto **“Mineração em Itaiacoca: identidades construídas ao viver e trabalhar nos processos de industrialização”** do curso de Mestrado em História UEPG. Itaiacoca/Ponta Grossa, 11/12/2016, formato MP3, 57 minutos.

Vitório Toczeck

TOCZECK, Vitório. Entrevista concedida a Lucimara Nabozny para o projeto **“Modos de trabalhar na mineração pré-industrial em Itaiacoca 1940 – 1970.”** do curso de especialização História, Arte e Cultura UEPG. Itaiacoca/Ponta Grossa, 09/04/2016, formato MP3, 48 minutos.

Pedro Nabozny

NABOZNY, Pedro. Entrevista concedida a Lucimara Nabozny para o projeto **“Modos de trabalhar na mineração pré-industrial em Itaiacoca 1940 – 1970.”** do curso de especialização História, Arte e Cultura UEPG. Itaiacoca/Ponta Grossa, 02/04/2016, formato MP3, 54 minutos.

PG Sediara encontro nacional do talco. **Correio de Notícias**. Curitiba, 25 de setembro de 1986. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=325538_01&PagFis=14050&Pesq=talco%20itaiacoca. Acesso em 20 de março de 2017.

Talco no Distrito de Itaiacoca considerado o melhor da América. **Última Hora**. Curitiba, 15 de setembro de 1962. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/cache/20507006235516/10014967-2Alt=001950Lar=001356LargOri=004281AltOri=006157.JPG>. Acesso em: agosto de 2015.

REFERÊNCIAS

CALPONTA – cal e calcário. Disponível em: www.calponta.com.br/index.php, Acesso em 4 de julho de 2016

CARVALHO. A.I.; PADUA J.A. **A dimensão ambiental do conhecimento histórico**: Entrevista com José Augusto Pádua Revista de História Regional 19(2): 457-484, 2014 Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rhr>

DRUCKER, Peter Ferdinand. **Sociedade pós-capitalista**. São Paulo: Pioneira, 1993.

ENRÍQUEZ, Maria Amélia. **Mineração: maldição ou dádiva?** Os dilemas do desenvolvimento sustentável a partir de uma base mineira. São Paulo: Signus Editora, 2008.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006

KRAWULSKI, Edite. (1998). A orientação profissional e o significado do trabalho. Revista da Associação Brasileira de Orientadores Profissionais, Florianópolis, 2(1), 5-19.

KHOURY, Yara Ahun. **O historiador, as fontes orais e a escrita da história**. In: Outras histórias: memórias e linguagens. Org. Laura Antunes Maciel, Paulo Roberto de Almeida, Yara Ahun Khoury. São Paulo: Olho d'Água, 2006.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A História, Cautiva da Memória? Para um Mapeamento da Memória no Campo das Ciências Sociais. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, Brasil, n. 34, p. 9-23, dez. 1992. ISSN 2316-901X. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/70497/73267>. Acesso em: 15 dez. 2015.

MINERAÇÃO CALPONTA http://www.calponta.com.br/index.php?id_pagina=102&f= acessado em 18 de junho de 2016.

NUNES, Pedro Henrique Farias. **Meio ambiente & mineração**: desenvolvimento sustentável. Curitiba: Juruá Editora, 2011.

PESSANHA, Andréa . S. **Em nome do progresso.** In: Revista Nossa História. Ano 2/ n 24. 2005.

POLLAK, Michael. **Memória Social e Identidade.** In: Revista Estudos Históricos. Rio de Janeiro. 1992.

SAMUEL, Rafael. História Local e História Oral. 1990. Disponível em www.anpuh.org/arquivo/download?ID_ARQUIVO=3887 . Acesso em 20/03/2017

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. Identidade. In: _____. Dicionário de conceitos históricos. São Paulo: Contexto, 2005, p. 202-205

Sistema de Informações Geográficas do APL de Cal e Calcário do Paraná http://www.mineropar.pr.gov.br/arquivos/File/3_Acoes_Mineropar/I_Re-cursos_Minerais/APL_Cal_e_Calcario/Relatorio_MF2_-_SIG_Volume_2.pdf

SZABÓ, Gergely Andres Julio *et al*, **As jazidas de talco no contexto da história metamórfica dos metadolomitos do grupo Itaiacoca**, PR, Geologia USP. Série Científica, v. 5, n. 2, p. 13–31, 2006.

THOMPSON, Edward Palmer. **A formação da classe operária.** Rio de Janeiro: Paz e terra. 1987.

TOLEDO, Victor M. BALSSOLS, Narciso Barrera. **A memória biocultural** – a importância ecológica das sabedorias tradicionais. Expressão Popular – São Paulo, 2015.

WALDEMANN, Izolde Maria. **As lendas de Itaiacoca.** Ponta Grossa. Planeta. 2014.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e Materialismo.** Trad. André Glaser. São Paulo: Unesp, 2011.